

PROPOSTA DE REDAÇÃO – 3ª SÉRIE:

Texto I - Até maio de 2022, Brasil já registrou 4 mil denúncias de abuso sexual contra menores

Só em 2022, já foram registradas 4.486 denúncias de abusos sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, segundo o balanço do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. A estimativa é de que, a cada hora, quatro crianças e adolescentes sofrem violência sexual no país. Nesta quarta-feira (18/5), é lembrado o Dia Nacional de Enfrentamento ao Abuso e à Exploração Sexual, a data é um lembrete de que é preciso estar vigilante no enfrentamento a esse crime.

De acordo com Márcia Machado, membro da Comissão Nacional Especializada em Ginecologia Infanto Puberal da Febrasgo, é preciso estar atento aos sinais que a criança emite para perceber possíveis casos de abuso. "Temos sinais de alerta que são bem importantes, como as mudanças de comportamento. Por exemplo, a criança não tinha medo e agora passa a ter medo do escuro ou de ficar sozinha, passa por alterações de humor, era calma, começa a ficar agressiva, diminui a concentração na escola, muda a alimentação e o modo de vestir", exemplifica.

A maior parte dos casos de abuso registrados ocorrem dentro de casa e o agressor é alguém próximo, por isso, Márcia chama atenção para quando a criança muda de comportamento com uma pessoa específica. "Às vezes ela não quer mais ver uma pessoa específica ou não quer falar com alguém".

A ginecologista lembra que, em casos de abuso, é comum que o agressor use de artifícios psicológicos para enganar a criança e fazer com que ela não conte o que está acontecendo. "As vítimas podem ser manipuladas psicologicamente, porque, assim, elas não percebem que estão sendo abusadas. O abusador também costuma fazer ameaças ou dar presentes. Então, é importante orientar as crianças de que não pode ter segredo", ressalta.

Fonte: Jornal "Correio Braziliense"

Texto II - Maio Laranja: mês deverá ser dedicado ao combate à violência sexual contra crianças e adolescentes

A campanha Maio Laranja vai reunir, todos os anos, ações de conscientização e prevenção do abuso de menores. Dezoito de maio é o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, data escolhida para marcar o caso de Araceli Crespo, que, em 1973, aos 8 anos de idade, foi sequestrada na saída da escola e, por dois dias, foi espancada, drogada e estuprada, antes de ser assassinada.

A ideia da proposta é estender o combate à violência sexual contra crianças para todo o mês, com a campanha Maio Laranja, que vai reunir ações de conscientização e prevenção ao abuso de menores. Ao lembrar que quase 20% das denúncias de agressões contra crianças envolvem violência sexual e que a maioria é cometida por conhecidos ou familiares, a procuradora da mulher no Senado, Leila Barros, do PDT do DF, destacou que o Brasil hoje ocupa uma vergonhosa vice-liderança no número de casos de abuso.

O nosso país ocupa o segundo lugar no ranking mundial de exploração sexual de crianças e jovens, com cerca de meio milhão de vítimas a cada ano. Dessas vítimas, estima-se que 75% sejam meninas e negras. Trata-se de uma violência que inclui espancamentos e estupros e que sujeita essas jovens ao vício em álcool e drogas, além de infecções por doenças sexualmente transmissíveis. Como se vê, a adoção de políticas públicas que mitiguem esse cenário desumano é de extrema urgência. Os órgãos de defesa da criança e do adolescente destacam que a maior ferramenta de combate à pedofilia é a denúncia, que pode ser feita de forma anônima pelo disque 100.

Fonte: Senado Federal

Texto III - Abuso sexual ainda é um tabu infernal vivido por crianças e adolescentes

É muito bem-vinda a série de produtos editoriais sobre violência sexual na infância e na adolescência da parceria entre o Instituto Liberta e a "Folha", que definiu o tema como "a causa do ano".

Cobra-se muito que a mídia tenha setores especializados e intensa cobertura de um tema tão sensível, então iniciativas que apontam para esse caminho devem ser celebradas.

Como já escrevi nesta "Folha", há um genocídio em curso contra as mulheres e as meninas no país, e a imprensa é uma importante aliada na visibilização dessa situação dramática.

Um breve olhar sobre os dados mostra-nos o tamanho do problema no país. Segundo o Fórum Nacional de Segurança Pública, a cada hora, quatro meninas menores de 13 anos são vítimas de estupro. Quanto aos meninos, de quatro a oito anos é a idade da maior parte das vítimas dessa violência.

O Brasil é o quarto país do mundo em casamento infantil, confinando essas crianças e adolescentes, sobretudo meninas, em um ciclo de pobreza. A depender do lugar social que ocupam, são ainda mais desprotegidas. Vale dizer, são realidades em que impera uma subnotificação de casos por uma série de motivos, a começar pela disparidade de forças na relação do abuso, em que a criança e o adolescente estão em um contexto de hierarquia familiar, que faz valer uma lei do silêncio.

A subnotificação também passa pela falta de estrutura estatal para acolher as vítimas dessas violências. Feministas vêm destacando, nos últimos anos, a diminuição drástica de verbas e, até mesmo, a erradicação de programas de acolhimento de mulheres, adolescentes e crianças.

É quase desnecessário ressaltar os danos psíquicos que o abuso infantil causa em uma pessoa. São episódios de exposição de seres vulneráveis à traição de confiança, às feridas emocionais e aos abusos de seus corpos. Ademais, se há consequência para uma pessoa em si, também devemos observar as consequências para a sociedade como um todo. Trata-se de uma sociedade machucada, mas que, ao mesmo tempo, pouco fala sobre essa dor.

Para combater esse cenário, será preciso muita mobilização. A causa do ano é a causa que seguirá sendo de muitos e muitos anos.

Fonte: Filósofa Djamila Ribeiro para "Folha de S. Paulo"

Texto IV

TIPOS DE VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES



ABUSO SEXUAL
É a utilização da sexualidade de uma criança ou adolescente para a prática de qualquer ato de natureza sexual. Essa violência pode se manifestar dentro do ambiente doméstico (intrafamiliar) ou fora dele (extrafamiliar).



EXPLORAÇÃO SEXUAL
É a utilização de crianças e adolescentes para fins sexuais mediada por lucro, objetos de valor ou outros elementos de troca. A exploração sexual ocorre de quatro formas: no contexto da prostituição, na pornografia, nas redes de tráfico e no turismo com motivação sexual.



PROSTITUIÇÃO
o contexto mais comercial da exploração sexual, normalmente envolvendo rede de aliciadores, agenciadores, facilitadores e demais pessoas que se beneficiam financeiramente da exploração sexual. Mas esse tipo de exploração sexual também pode ocorrer sem intermediários.



PORNOGRAFIA INFANTIL
É a produção, reprodução, venda, exposição, distribuição, comercialização, aquisição, posse, publicação ou divulgação de materiais pornográficos (fotografia, vídeo, desenho, filme etc.) envolvendo crianças e adolescentes.

FONTE: CAMPANHA DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES - CARTILHA EDUCATIVA

Texto V - Uma sociedade que silencia a exploração sexual infantil

Abuso é uma violência imposta à criança e ao adolescente, já a exploração existe pela possibilidade de o adulto comprar sexo em troca de dinheiro, presente, brinquedo, até um pacote de bolacha. Então, esse adulto pensa que, se a criança aceitou a troca, ela consentiu.

Mas, antes de tudo, eu queria dizer que a gente não deve ficar muito confortável na percepção de que existe maior sensibilidade ao abuso do que à exploração, como se isso significasse uma grande massa de proteção a crianças e a adolescentes vítimas de abuso sexual, porque não há. Quase não há sensibilidade na sociedade para perceber crianças e adolescentes exploradas sexualmente como vítimas e existe uma pequena sensibilidade em relação a quem sofre o abuso. Digo isso porque a sociedade não ouve essa criança ou adolescente e não lhes oferece cuidado, principalmente para meninas, que não tiveram uma rede de proteção, que sentiram medo de compartilhar os abusos com a família, ou contaram e foram desacreditadas. Ainda existe a culpabilização da vítima ou o pensamento patriarcal e machista de que os adultos teriam licença para explorá-la – se “a menina está vestindo uma saia curta, estava provocando”.

Precisamos considerar também a sociedade do consumo, que altera o foco do ser para ter e as redes de exploração estão cientes disso. Lembro-me da história de uma professora de região metropolitana de Recife, às margens da BR, que diz ter cansado de tirar crianças de dentro dos caminhões, pois eram aliciadas pelos caminhoneiros em troca de dinheiro para comprar um tênis, um perfume ou uma blusa da marca.

Se desenharmos um perfil das vítimas, um marcador presente é a pobreza. Porém, não é porque a exploração sexual infantil nasce nessa condição, que somente a miséria a alimenta. Só é possível manter esta rede de exploração, com recursos para comprar e vender corpos e vidas de crianças e adolescentes como se fossem objetos, porque também há uma rede de poderosos donos de grandes contas bancárias.

Outro perfil é o de meninos gays e de meninas trans, que começam a se posicionar no mundo a partir de uma experiência que não a heteronormativa. Suas histórias são marcadas por não serem aceitas em casa e serem expulsas e, nas ruas, também podem ser tragadas por essas redes de exploração.

Precisamos retomar a ideia de criança e adolescente fomentada pelo ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), e não a visão de adultos em miniatura, que existia na Idade Média. Precisamos colocar uma lupa sobre as causas e as consequências da exploração sexual infantil e de outras formas de violência, as dores que afetam o corpo e a alma para o resto da vida dessa criança.

Precisamos acabar com o silêncio e com a resposta evasiva que alimenta a violência.

Fonte: Ativista Viviana Santiago para o site Lunetas

Texto VI - Dez alunos denunciam abusos no ambiente familiar após assistirem a palestras sobre violência sexual em escola

Dez alunos denunciaram terem sido vítimas de abuso sexual após assistirem a palestras sobre o assunto em escolas de Campo Limpo de Goiás, na região central do estado. Segundo a Polícia Militar, as crianças e os adolescentes contaram que os abusos eram cometidos por pessoas conhecidas da família.

As palestras sobre Conscientização contra o Abuso e a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes foram realizadas por uma Organização não Governamental (ONG), com apoio da PM, do Conselho Tutelar e do Juizado da Infância e Juventude, a pedido do município administrado pela prefeita Graciele Marta (União Brasil).

Ainda de acordo com a PM, durante a última palestra, cinco alunos de uma mesma escola contaram aos professores e aos palestrantes sobre o que passavam. O Conselho Tutelar, que estava presente na ação, acionou os familiares dos estudantes.

Nove adolescentes e uma criança de cinco anos foram ouvidos na Central de Flagrantes de Anápolis. O caso segue em investigação.

Em nota recente, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) lembra que grande parte da violência contra crianças e adolescentes acontece dentro de casa, com agressores conhecidos, e que estar na escola pode garantir a elas a convivência com adultos de confiança a quem podem pedir ajuda.

Fonte: Portal de notícias G1

Texto VII - 'A cultura do silenciamento é tão dolorosa quanto o estupro'

Há três anos, Jennyffer Bransfor, 38, mudou-se de Itabuna (BA) para São Paulo, após ficar viúva. Mãe de três filhas, de 18, 17 e 6 anos, ela busca na capital paulista um recomeço de vida.

Foi pela internet também que decidiu participar do levante virtual #AgoraVcSabe, como forma de denunciar as múltiplas violências sexuais sofridas na infância e na adolescência, sobretudo entre indígenas, como o caso recente da menina Yanomami de 12 anos que teria sido estuprada e assassinada por garimpeiros em uma aldeia em Roraima.

"O estupro infantil é uma coisa muito perversa porque abre outras portas para que se perpetuem. Fui estuprada pelo meu padrasto dos três aos onze anos. Parece inacreditável, mas é como se ficasse um sinal invisível de que outros podem fazer o mesmo.

Aos 14 anos, entrei em uma rede de exploração sexual. Eram juízes, deputados e empresários que sabiam da minha história e da minha situação de vulnerabilidade e se apropriaram disso para oferecer uma troca, uma vantagem.

Quando se tem 14 anos, você não faz ideia de que aquilo é sexo e deve ser consentido. Mas o estuprador, aquele homem que tem 35, 40 anos, ele sabe que é errado manter relações sexuais com uma menina. Eles eram adultos. Quem tem mais condições de entender? Eu achava que havia nascido para isso, para ser estuprada e não ter valor. Era como se fosse um objeto para dar prazer para o outro porque o estupro foi naturalizado na minha história de vida.

Só consegui saber que era uma vítima quando vi outras. Até então, achava que meu caso era isolado. Quando falo sobre a minha experiência e quando escuto sobre a de outras meninas, vejo que o padrão se repete.

Não foi uma falta de sorte minha um predador me desejar aos três anos de idade. A sociedade sabe que isso acontece e, ao não falar, está dizendo para os estupradores: 'Tá tudo certo com o que você está fazendo, continue'. A cultura do silenciamento é tão dolorosa quanto o estupro. E, quando se é criança, é ainda pior. Deslegitimam-te com a falsa ideia de que criança não tem discernimento, que inventa.

A palavra é esta mesma: estupro. A vítima será sempre vítima, seja ela uma criança ou um adulto. Sim, isso é um crime. E há diferença quando se escuta que 'fulano mexia com a neta' ou 'beltrano abusou da enteada'. Mexer é uma coisa, abusar é outra. O que eles fizeram comigo foi estupro.

Não é fácil entender o que significam essas palavras numa sociedade que usa meias palavras. É uma situação tão invisível que faz você se sentir isolada e sem ter a real noção do que aconteceu.

É libertador entender que sim, você é uma vítima. E aqui é importante também falar sobre outra palavra, o verbo ser. Você não foi vítima, você é vítima para sempre porque aquela dor de reclamar 'Painho, está doendo' é permanente e sinto até hoje de uma forma cruel.

Quando a gente começa a entender que não era coisa da nossa cabeça, que aquela mão na sua genitália, aquele gesto, aquilo de fato aconteceu. Por isso, quando uso a minha voz no levante virtual #AgoraVcSabe, entendo que sou vítima e a culpa não foi minha."

Fonte: Jornal "Folha de S. Paulo"

Proposta de Redação: A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema: **"Proteção da criança e do adolescente frente à subnotificação de abuso e exploração sexual"**, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

INSTRUÇÕES PARA A REDAÇÃO

1. O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
2. O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
3. A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.
4. **Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:**
 - 4.1. Tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo consideradas "texto insuficiente".
 - 4.2. Fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
 - 4.3. Apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.